

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte O Estado de São Paulo Class.: PCTR0210

Data 1 de maio de 1982 Pg.: _____

Retrato fotográfico da condição indígena

90

Da sucursal de CURITIBA

Enviado por um grande jornal para cobrir a morte do cacique Angelo Creta, em 79, na reserva de Mangueirinha, no interior do Paraná, o fotógrafo Ivan Bueno, gaúcho, de 25 anos, percebeu que era preciso documentar com mais profundidade a vida daqueles índios kaingang e guaranis, antes que eles deixassem de ser verdadeiramente índios. Voltou a Curitiba, onde reside e trabalha como free-lancer há sete anos, e conseguiu que a Secretaria de Cultura e Esporte do Paraná o mandasse de volta às reservas, agora para um trabalho de maior fôlego: fazer um amplo documentário fotográfico da vida indígena no Estado para servir, posteriormente, à edição de um livro didático a ser adotado nas escolas de primeiro e segundo graus.

O livro ainda não saiu, mas quem for ao Museu Paranaense, em Curitiba, poderá começar a descobrir o resultado daqueles seis meses que Ivan Bueno passou convivendo com os índios do Paraná, dormindo e comendo nas aldeias, saindo com eles para o trabalho, andando a pé. Se o projeto do livro, embora já aprovado, ainda aguarda liberação de verbas, a exposição no museu, de caráter permanente, já apresenta algumas dezenas de fotos de Ivan Bueno, ainda uma pequena parte dos 2.400 negativos e slides gastos por ele durante todo o trabalho.

Documentar o processo de violenta

aculturação desses índios do Paraná talvez não seja o único mérito desse trabalho de Ivan Bueno: preocupado em ser o mais completo possível, ele acabou registrando, quase sem querer, para a posteridade, a fisionomia e os hábitos de um dos últimos remanescentes da raça xetá, índios que viveram durante muito tempo às margens do rio Paraná, a Oeste do Estado, hoje uma tribo praticamente extinta. Quem, o índio xetá que se tornou amigo de Ivan



Uma das 2.400 fotos de Ivan Bueno

Bueno, vive hoje numa pequena reserva kaingang na região de Guarapuava. Com cerca de 50 anos, acabou dando algum trabalho ao fotógrafo: "As vezes ele me acordava altas horas da noite, de tanga, todo pintado, com uma borduna na mão e pedindo num tom bastante altivo: fotografa índio bonito".

É certo que, em princípio, Ivan Bueno teve de enfrentar alguma resistência, principalmente dos kaingangs, para se impor como hóspede temporário das aldeias: "Muito mais próximo do branco, o kaingang exigia sempre um pagamento para se deixar fotografar". Mas aos poucos, foi conseguindo um convívio muito bom para o trabalho, chegando, após algumas semanas, a ser convidado até mesmo para jogar uma partida de futebol, o esporte preferido em todas as reservas e no qual o branco não costuma ser aceito. Nesses seis meses, entretanto, ele procurou colher todo tipo de impressão e observação sobre esse índio que, justamente por seu estágio avançado de aculturação, não tem despertado tanto as atenções de antropólogos e estudiosos, ao contrário do que ocorre com as tribos do Norte ou do Centro-Oeste brasileiro.

"Vi muita gripe, muita desidratação, muita doença de branco atacando e matando esses índios", diz Ivan Bueno, mostrando ainda que as doenças ocorrem com menor intensidade nas famílias daqueles poucos índios que conseguem viver, ainda de caça e pesca, em algum canto isolado das reservas, a maioria das quais divisando com alguma cidade.